

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CIDADE DE PAU DOS FERROS - RN¹

MALA, Andrea Paula Rego²
FARIAS, Fablênia Tatiany de³
CARNEIRO, Rosalvo Nobre⁴

Resumo: Propõe-se analisar a incidência de casos de violência contra a mulher no município de Pau dos Ferros – RN, investigando como os habitantes dos bairros Manoel Deodato, classe baixa, e Princesinha do Oeste, classe média, percebem este tipo de violência e quais atitudes costumam realizar diante de tal problema. Foi realizada uma pesquisa de campo nestes bairros, que consistia na realização de uma entrevista com 20 mulheres acima de 18 anos. Os resultados evidenciaram que nos bairros em estudo há uma diferença relativa nos casos de violência contra a mulher; enquanto no primeiro a violência física se sobressai nas respostas, no segundo, reconhecem-se outros tipos de violência, o que revela a necessidade da realização de palestras e programas que possam esclarecer aos residentes de ambos os bairros sobre importantes aspectos relacionados à violência contra as mulheres.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Pau dos Ferros. Princesinha do Oeste e Manoel Deodato.

Abstract: It is proposed to analyze the incidence of violence against women in the city of Pau dos Ferros – RN, investigating how the inhabitants of neighborhoods Manoel Deodato, the lower class, and Princesinha do Oeste, the middle class, realize this type of violence and attitudes which tend perform before such a problem. It was conducted a field survey in these districts, which consisted in an interview with 20 women over 18 years. The results showed that in the neighborhoods under study for a relative difference in cases of violence against women, while in the first, physical violence

1 Este trabalho é resultante do Projeto de pesquisa PIBIC/UERN/CNPQ As Geografias da violência e do medo no Alto Oeste Potiguar-RN, realizado no Núcleo de Estudos em Geografia Agrária e Regional – Nugar – Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus de Pau dos Ferros - CAMEAM.

2 Ex-aluna de iniciação científica na pesquisa PIBIC/UERN “Desenvolvimento Regional e Indústria Têxtil de Moda Íntima em Tabuleiro Grande-RN” também realizado no Núcleo de Estudos em Geografia Agrária e Regional – Nugar. Graduada do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus de Pau dos Ferros - CAMEAM. E-mail: andreapaularmaia@hotmail.com

3 Ex-aluna de iniciação científica na pesquisa PIBIC/UERN/CNPQ “As Geografias da violência e do medo no Alto Oeste Potiguar-RN”. Graduada do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus de Pau dos Ferros - CAMEAM. E-mail: fablenia@hotmail.com

4 Coordenador das pesquisas PIBIC citadas acima. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professor do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus de Pau dos Ferros – CAMEAM e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: rosalconobre@uern.br

stands the answers, in the second, to recognize other types of violence, which reveals the need to perform lectures and programs that can clarify to residents of both neighborhoods on important aspects related to violence against women.

Keywords: Violence against women. Pau dos Ferros. Princesinha do Oeste and Manoel Deodato.

Introdução

A violência contra a mulher é uma problemática que faz parte da realidade de muitos brasileiros, independentemente das classes sociais, raças/etnias, idade e nível de escolaridade que eles apresentem. Assim como toda problemática, a violência contra a mulher ocasiona muitos conflitos e graves consequências para os envolvidos.

Dessa forma, este é um tema que está sempre presente na sociedade em geral, como também na realidade de cidades pequenas, que mesmo consideradas como calmas, ainda apresentam elevados índices de violência, como no caso de Pau dos Ferros, que é uma cidade com 27.590 residentes, segundo dados do censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), situada no interior do Rio Grande do Norte, e que destaca pela sua atuação como pólo na região do Alto Oeste Potiguar, ofertando às cidades vizinhas uma gama de bens e serviços necessários para as atividades do cotidiano da população inserida nesta região, fator este que também influencia na incidência dos casos de violência registrados na cidade.

Assim, este trabalho objetiva analisar a incidência de casos de violência contra a mulher nos bairros Manoel Deodato, de classe baixa, e Princesinha do Oeste, de classe média, no município de Pau dos Ferros – RN, visando investigar como se desenvolve e como reagem os habitantes destes bairros a este tipo de violência, considerando as diferenças existentes entre os espaços analisados e os fatores que podem contribuir para a diminuição da incidência dos casos de violência contra a mulher no município de Pau dos Ferros.

Para dar sustentação a esta pesquisa realizou-se uma entrevista com 20 mulheres residentes nos bairros Manoel Deodato e Princesinha do Oeste, a qual consistia na escolha de uma rua de cada bairro, em que entrevistávamos casas alternadas, com uma amostra de 10 casas por bairro, sendo 20 no total. Após a coleta dos dados, construímos gráficos para melhor explicitar e analisar os resultados obtidos a partir desta pesquisa de campo. E, além disso, foram utilizados também alguns dados estatísticos extraídos de fontes conhecidas nacionalmente, no intuito de possibilitar um maior conhecimento sobre os registros frequentes deste tipo de violência não só no Brasil e no Rio Grande do Norte, mas principalmente no município de Pau dos Ferros - RN.

Deste modo, este artigo encontra-se dividido em quatro seções, sendo a primeira a introdução, na qual realizamos uma breve discussão sobre o tema do artigo; a segunda aborda informações relevantes sobre a violência contra a mulher no Brasil e no Rio Grande do Norte; a terceira aborda o tema principal do estudo, que é a

violência contra a mulher nos bairros Manoel Deodato e Princesinha do Oeste em Pau dos Ferros, além de mostrar os resultados desta pesquisa; e na quarta seção estão as considerações finais, nas quais analisamos os resultados obtidos pela pesquisa e sugerimos possíveis soluções para a problemática retratada no artigo.

A violência contra a mulher no Brasil e no Rio Grande do Norte

Na definição da Convenção de Belém do Pará (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, adotada pela OEA em 1994), a violência contra a mulher é “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”.

Segundo Vasquez (1968 apud NASCIMENTO, 1999, p. 13) “a violência se manifesta onde a natureza ou homem como matéria ou objeto de sua ação (de alterar, desviar, deter uma legalidade natural ou social - uma ordem estabelecida), resistem à ação transformadora do homem”. Ela acontece quando o homem como objeto de sua ação resiste às transformações realizadas por ele, ocorridas ao longo do tempo, quando o mesmo desestabiliza uma ordem peculiar a si mesmo, ou seja, quando há uma quebra das regras estabelecidas pela sociedade.

A violência é caracterizada por tipos de agressões de intuito destrutivo, podendo ser institucional, doméstica, psicológica e sexual. Estes tipos de violência ocorrem em diversos espaços como: dentro de casa, na escola, nas instituições públicas e privadas ou na rua, e também com qualquer pessoa, independentemente de diferenças sociais.

“A violência contra mulheres sempre existiu no Brasil. Aliás, é um fenômeno mundial, que independe da riqueza, do grau de desenvolvimento da nação, do nível de escolaridade dos envolvidos, do tipo de cultura – ocidental ou oriental -, da religião dominante, etc.” (SAFFIOTI, 2004, p.54). Este tipo de violência doméstica não faz escolhas dentro da sociedade, ela simplesmente acontece sem explicações condizentes, ocorrendo a partir do gênero e da antiga concepção de submissão das mulheres em relação aos homens existente na sociedade com raízes no passado.

Tal problema está tão presente na vida das pessoas que pesquisas realizadas apontam cada vez mais números maiores de mulheres sendo agredidas em nosso país. Dentre tais pesquisas podemos mencionar uma realizada pela Fundação Perseu Abramo, na qual Saffioti (2004, p. 55), enfatiza que 6,8 milhões de mulheres, sendo 11% brasileiras vivas, já sofreram pelo menos um espancamento. Segundo a autora, se os números continuarem como estavam no ano de 2001, o Brasil terá uma mulher espancada a cada 15 segundos, dado que assusta por sua grande proporção, mas que pode ser mudado pelos brasileiros, inclusive com a implantação da lei Maria da Penha, nº 11.340 criada em agosto de 2006 (BRASIL, 2006), visando defender as mulheres de agressões provenientes de seus parceiros. Entretanto,

Para ser consolidada é necessário coragem por parte das mulheres,

principalmente, em denunciar seus agressores no primeiro ato de violência, fazendo com que atitudes mais agressivas ou o homicídio sejam cometidos. Assim, havendo a colaboração por parte da sociedade a lei atingirá a maior parte da população, diminuindo progressivamente os índices de violência contra a mulher. (PEREIRA, 2008, p. 510).

De acordo com uma pesquisa iniciada em 1995, pela professora de sociologia da USP Eva Alterman Blay (2003), a violência contra a mulher, resultando em mortes, ocorre nas mais diversas faixas etárias, desde criança até idosa, mas a que predomina é de 22 a 30 anos. Ou seja, os agressores não escolhem suas vítimas pela idade, mas acabam agredindo com mais predominância, mulheres que estão na fase de formação da família. Ainda nesta pesquisa, Blay (2003) verificou que a maior parte das mulheres agredidas em São Paulo (capital), possui apenas alfabetização em nível primário (74%), 14% possuem nível secundário e apenas 3% universitário; fato que revela que as pessoas mais agredidas são as que possuem menor grau de instrução.

Na maior parte dos casos, a violência contra a mulher é atribuída aos espaços em que ela vem conquistando dentro da sociedade, e que muitas vezes não é aceito pelos homens e nem pela própria sociedade, que por sua vez traz relíquias daquela que antes era predominantemente masculina, na qual a mulher tinha que ser submissa aos homens. Assim,

É indispensável para a análise da questão [...] o entendimento de que o poder é exercido pelas partes envolvidas na relação, ainda que as parcelas de poder de que dispõe cada parte sejam diferenciadas. No caso das relações de gênero, especificamente nas relações homem-mulher, esta não desfruta de igual poder que aquele, mas é detentora de algum poder. (MELO, 2008, p.192)

Dessa forma, as pessoas acabam impondo dificuldades para se adaptar a esta nova cultura, na qual a mulher luta para igualar seus direitos aos masculinos. Ao contrário do que muitas pessoas pensam a violência contra a mulher não ocorre apenas nas classes baixas, ela está presente de forma significativa nas classes altas, sendo 30% de casos deste tipo ocorridos na classe A (CONDORELLI, 2003). Isto demonstra que o fato de muitas pessoas terem um maior grau de instrução nem sempre as impede de cometerem atos que contradizem sua posição dentro da sociedade.

Considerando alguns dados, é possível constatar que no Rio Grande do Norte a violência contra a mulher também ocorre com muita frequência, pois segundo uma pesquisa realizada pela Casa Renascer a partir do Projeto Juventude Cidadã, coordenado pela Prof^a Costa [2000], “no período de 1986 a 1996 houve aproximadamente 17.000 denúncias de mulheres agredidas por homens. Ainda neste período 110 mulheres foram mortas em decorrência da violência doméstica.” Já no ano de 2003, foram registrados em torno de 700 casos mensais de violência contra as

mulheres na delegacia da mulher de Natal (CONDORELLI, 2003).

Como se percebe, os índices registrados diminuíram com o passar dos anos no Rio Grande do Norte. Este acontecimento por um lado se torna um fator positivo, pois isto pode significar que as mulheres estão sendo menos agredidas, e por outro pode ser tido como negativo, porque elas podem estar denunciando em menor escala do que em anos anteriores, o que é mais provável. Por isso, Queiroz (2007, p. 5) lembra que

A denúncia se constitui no mais eficiente instrumento de reação, combate e enfrentamento à violência contra a mulher, visto ser este um ato em que a mesma é publicizada e passível de sanção legal, contudo há que se considerar outras formas de enfrentamento à violência.

Diante disso, percebemos a importância das delegacias especializadas no atendimento à mulher para contribuir para a diminuição destes casos. No entanto, poucas são as cidades do Rio Grande do Norte que dispõem de delegacias especializadas neste tipo de caso, e Pau dos Ferros – RN é uma das cidades que ainda se encontra fora deste contexto, apesar de se destacar na região Oeste do estado como uma cidade pólo, que disponibiliza serviços e comércio às cidades vizinhas, e por isso, necessita de maiores investimentos no setor de segurança, de modo a contribuir para a diminuição da incidência dos casos de violência contra a mulher registrados diariamente na região. Mas, para isto, é importante identificar a situação na qual se encontra a cidade de Pau dos Ferros com relação aos índices e às reações de sua população no enfrentamento deste tipo de problema.

A violência contra a mulher nos bairros Manoel Deodato e Princesinha do Oeste em Pau dos Ferros – RN

De forma semelhante ao que se constata no Brasil e no Rio Grande do Norte em relação à violência contra a mulher, também verifica-se na região do Alto Oeste Potiguar, mais precisamente na cidade de Pau dos Ferros – RN, que também registra muitos casos de violência contra a mulher todo ano, acontecimento que se torna um fator muito preocupante para a população local, sendo necessária a realização de medidas que possam diminuir a incidência deste tipo de crime, que se destaca na cidade.

De acordo com Carlos (2006), a 4ª delegacia Regional de Pau dos Ferros mostrou que o número de vítimas de violência contra a mulher vem aumentando com o passar dos anos; entre 2005 e 2006 foram registrados 338 casos de agressões contra a mulher na região. Isto comprova a necessidade de se implantar uma delegacia especializada para mulheres no município, que por sua vez abrange também toda a região do Alto Oeste Potiguar.

No intuito de melhor detalhar esta pesquisa introdutória acerca da violência contra a mulher em Pau dos Ferros, realizamos uma pesquisa de campo, na qual

aplicamos com 20 mulheres acima de 18 anos, residentes nos bairros Princesinha do Oeste (classe média) e Manoel Deodato (classe baixa) uma entrevista aberta, de caráter qualitativo, contendo 20 perguntas discursivas sobre aspectos ligados à temática em questão. Para desempenhar tal entrevista, foi escolhida uma rua de cada bairro para entrevistarmos mulheres de casas alternadas, a fim de obtermos informações diferenciadas e, para melhor analisar os resultados, construímos gráficos que representam de forma mais clara e objetiva os dados obtidos ao final da pesquisa.

Analisando os resultados desta pesquisa de campo, constatamos que dentre as 20 mulheres entrevistadas, no Manoel Deodato a maioria é agricultora e doméstica (figura 1), havendo outras profissões, enquanto que no Princesinha do Oeste há uma maior diversidade nas profissões, sendo que a maioria é comerciante (figura 2). O que indica que as mulheres do bairro de classe média apresentam mais independência com relação ao trabalho, uma vez que dentre 10 entrevistadas, 9 trabalham fora de casa, o que as deixa menos suscetíveis a sofrerem violência do que as do bairro de classe baixa, que são em grande maioria apenas donas de casa, por isso mais dependentes e submissas aos maridos com relação à questões financeiras. Isto pode ser confirmado pelo fato de que

A compreensão do complexo fenômeno da violência conjugal, familiar e doméstica deve, assim, considerar fatores, tais como pobreza, violência, gênero, classe social, nível de escolaridade e status ocupacional das mulheres vitimadas. [...] (NARVAZ e COLLER 2006, p. 11)

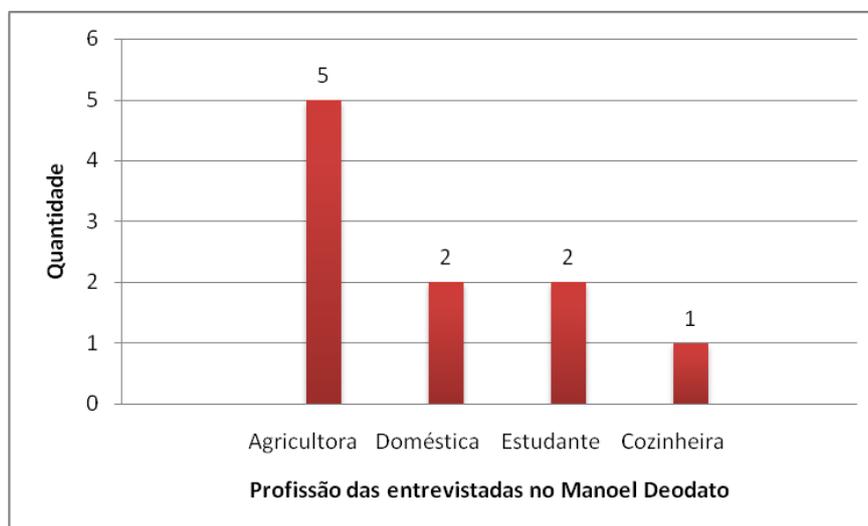


Figura 1: Profissão das entrevistadas no bairro Manoel Deodato (classe baixa)
 Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2009.

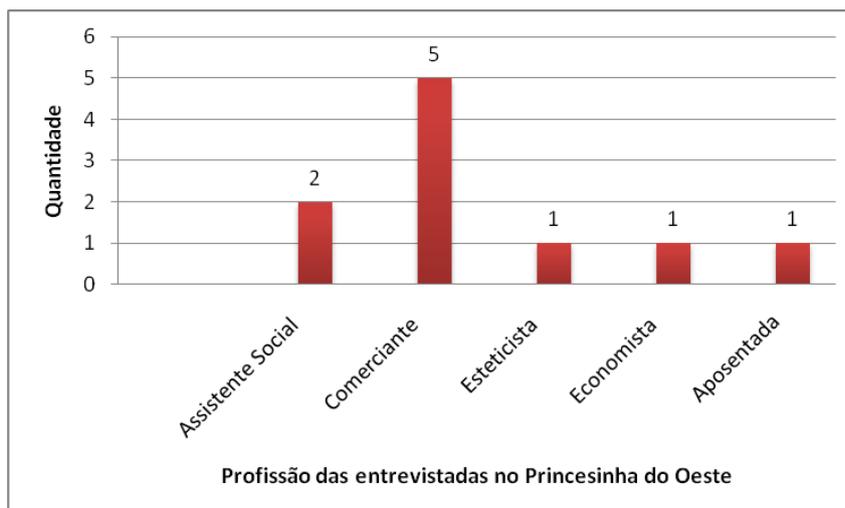


Figura 2: Profissão das entrevistadas no bairro Princesinha do Oeste (classe alta)
Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2009

A partir de indagações sobre violência contra a mulher foi possível observar que de modo geral as mulheres de classe baixa normalmente demoram mais tempo para identificar as violências do tipo psicológicas e morais. Esta situação é devida ao fato das mesmas não terem um maior esclarecimento sobre o sentido da violência e as suas tipológicas, pois quando indagadas sobre o significado de violência em suas opiniões, de 10 entrevistadas no bairro Manoel Deodato (classe baixa), 08 responderam que esta estaria ligada diretamente à agressão física.

Por outro lado, foram raras as respostas sobre outros tipos de violência a exemplo das já mencionadas violência psicológica ou violência moral. Já as de classe média apresentaram mais facilidade para identificar indícios de violência mais rapidamente, pelo fato de terem um nível de escolaridade mais elevado, o que lhe dá acesso a conceitos mais aprofundados sobre violência psicológica e moral; as quais muitas pessoas ainda desconhecem e isso acaba contribuindo para a continuidade dos casos de violência. Neste sentido, Narvaz e Koller (2006, p.8-9) enfatizam que “[...] apesar das conquistas das mulheres nas últimas décadas em relação a vários direitos civis e políticos, a maioria delas ainda desconhece seus direitos e não procura ajuda [...]”. Assim, apesar de terem ganhado mais espaço dentro da sociedade nos últimos anos, ainda é necessário levar a estas informações com maior intensidade e qualidade, de forma que as mesmas tenham consciência dos seus direitos, podendo recorrer a eles em casos de agressões.

Seguindo o raciocínio, as mesmas também foram perguntadas sobre o que seria violência contra a mulher. No bairro de classe baixa, a maioria respondeu que seria o homem que bate em uma mulher, por meio dos vários tipos de violência física, já outras entrevistadas do mesmo bairro responderam que seria a falta de respeito, de caráter e covardia por parte do homem. No bairro de classe média as respostas foram parecidas, a diferença é que estas evidenciam a agressão verbal pelo fato de terem mais acesso a informações sobre as maneiras como mais ocorre este tipo de violência, e por

ser o tipo ao qual elas mais vivenciam em seu cotidiano. Elas acreditam que este tipo de violência consiste em uma grande falta de respeito por parte dos homens.

Estes questionamentos mostram que apesar de presenciarem e até sofrerem muitos casos de agressões em seus bairros, as mulheres percebem que estes atos são contraditórios ao que a sociedade traz como correto, por isso os recriminam, porém, muitas vezes não conseguem evitar que eles continuem ocorrendo em suas residências.

Diante de tais questionamentos observou-se que uma etapa fundamental para amenizar o problema já está sendo superada, afinal todas as 20 mulheres entrevistadas em ambos os bairros mostraram ter consciência que ao serem agredidas poderão estar procurando seus direitos através da lei Maria da Penha que “visa elaborar mecanismos de defesa para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, art. 1º lei nº 11.340, 2006), da qual possuem conhecimento parcial. Todas as entrevistadas também mostraram clareza de que os agressores devem ser punidos; fato que confirma a necessidade de pessoas capacitadas no município de Pau dos Ferros para compreender e julgar de acordo com a legislação prevista os diversos casos de mulheres agredidas por homens na cidade.

Prosseguindo a pesquisa, as entrevistadas foram perguntadas se conheciam ou se já presenciaram alguma mulher sofrendo agressões por parte de um homem. No bairro Manoel Deodato todas as 10 entrevistadas responderam que já presenciaram algum caso de violência contra a mulher; enquanto que no Princesinha do Oeste apenas 7 de um total de 10, afirmaram conhecer ou ter presenciado algum caso de violência contra a mulher em suas vidas (figura 3). Quando a pergunta foi mudada para saber se elas conheciam alguma mulher que é, ou já foi agredida porque trabalha fora de casa, as do bairro Manoel Deodato 7 entrevistadas responderam que não conheciam, apenas 3 responderam que conheciam, e no Princesinha do Oeste as respostas foram parecidas, mas apenas 2 dentre as 10 entrevistadas relataram ter ouvido falar ou presenciado casos deste tipo com pessoas conhecidas; as 8 demais afirmaram não conhecerem.

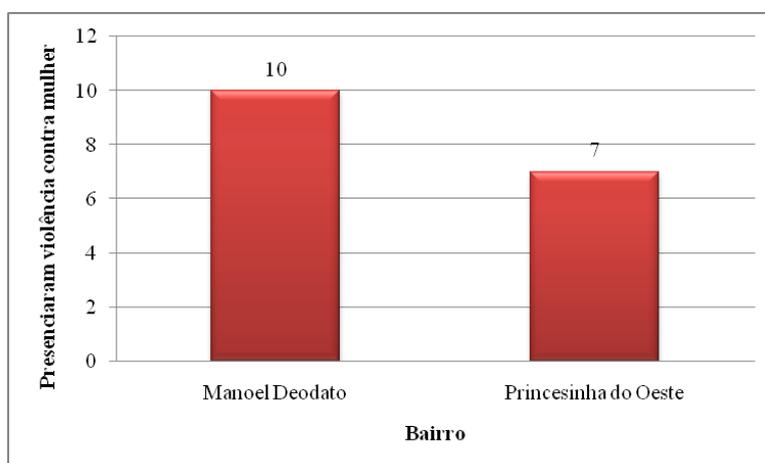


Figura 3: Mulheres que presenciaram casos de violência contra a mulher em ambos bairros de Pau dos Ferros – RN.

Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2009.

Isto mostra que, no bairro de classe baixa, as pessoas se encontram mais suscetíveis a presenciarem casos de agressões contra as mulheres devido a inúmeros fatores como: maior facilidade do acesso à drogas e bebidas, falta de apoio familiar para enfrentar os problemas da vida, desemprego, fatores estes que constatamos durante a realização da entrevista, os quais também estão presentes no bairro de classe média, mas em menor escala. Com relação a isso Narvaz e Koller (2006, p. 9) ressaltam que

[...] pobreza e repetição de relações abusivas através de gerações aparecem associados à dinâmica da violência contra as mulheres. O medo e a insegurança causado pelas ameaças e pela violência psicológica impetrada pelo parceiro abusivo também parecem desempenhar importante papel nesta dinâmica.

Isto comprova o fato de que as difíceis condições de vida e a desestrutura familiar, associados ao medo e à insegurança das mulheres são fatores que dificultam bastante a diminuição dos casos de violência contra a mulher, principalmente na cidade de Pau dos Ferros, na qual estes casos são bastante comuns e fáceis de ser presenciados não só nos bairros em estudo, como também nos demais.

Quando perguntamos às entrevistadas se elas já vivenciaram este tipo de violência em suas vidas; no bairro Manoel Deodato dentre as 10 entrevistadas, 5 responderam positivamente, assumindo que já sofreram algum tipo de violência provenientes dos homens, e no Princesinha do Oeste apenas 2 dentre as 10 entrevistadas afirmaram ter sofrido algum tipo de agressão por parte dos homens, as 8 demais negaram (figura 4). Isto confirma o fato de que as mulheres do bairro de classe baixa, por passarem por maiores dificuldades na vida, presenciam e vivenciam com maior frequência este tipo de violência, que ocorre com grande predominância e é mais visualizado nos bairros de classe baixa, o que não significa dizer que também não ocorra nos bairros de classes média e alta, pois nestes também são verificados casos de violência doméstica, porém eles, muitas vezes, não são levados à público.

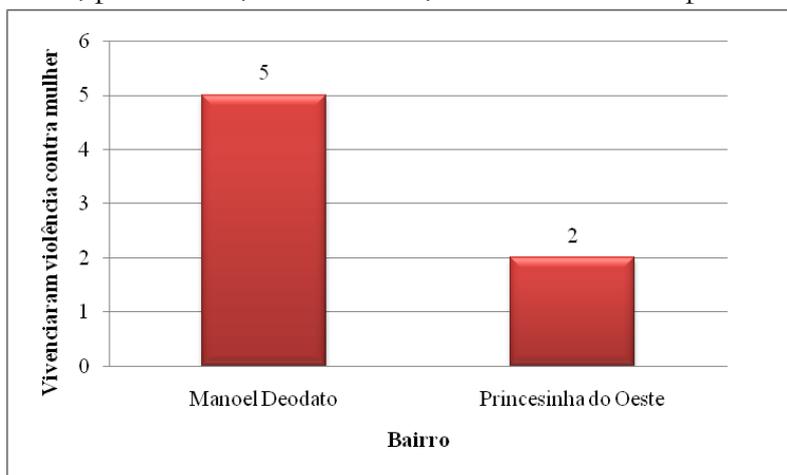


Figura 4: Mulheres que vivenciaram violência por parte de homens em Pau dos Ferros – RN.
Fonte: Pesquisa de campo, setembro 2009.

Durante a entrevista, quando perguntamos a uma senhora de 41 anos, residente do bairro Manoel Deodato, se ela já presenciou e/ou vivenciou algum tipo de violência contra a mulher em sua vida, ela respondeu que ainda hoje vive isso em sua própria casa, pois tem uma filha de 15 anos, que por sinal vive “no mundo” como ela afirmou, e que vive com um homem do qual apanha todos os dias, e como o pai dela não aceita esse relacionamento, então, ele também agride fisicamente a menina, e ela retribui. Mas a violência é tão grande que ambos chegam ao ponto de utilizarem armas brancas como instrumento de agressão. Além disso, a senhora também nos revelou que ela também já foi vítima de seu companheiro, com quem vive há 26 anos, o qual é pai da menina. Mas hoje não sofre mais agressão por parte dele.

Relatos como estes ainda são ouvidos a todo momento e narrados com grande frequência nos meios de comunicação de nosso país. Inclusive foi questionado se tais meios de comunicação e as campanhas exibidas por eles influenciam para diminuir a ocorrência de casos de violência contra a mulher. Neste caso, em ambos os bairros as 20 entrevistadas acreditam que estes meios podem estar contribuindo para diminuir casos deste tipo de violência, mas para isso tem que haver justiça também. Isto mostra que apesar de existir grandes campanhas para extinguir de vez a violência contra a mulher, ainda há muito a se fazer para que o sonho dos brasileiros possa se tornar realidade, pois ainda há um grande registro de casos como este ocorrendo no Brasil atualmente.

Dando continuidade à entrevista, perguntou-se quais as principais causas de violência contra a mulher na opinião das entrevistadas; unificando as respostas dos dois bairros, 14 entrevistadas responderam que seria ciúmes, álcool/droga e falta de educação (ignorância) por parte dos agressores. Porém a diferença nas respostas dos moradores de cada bairro foi nítida, pois enquanto no Manoel Deodato, a maioria (5 entrevistadas) respondeu que a principal causa deste tipo de violência seria ciúmes, as do bairro Princesinha do Oeste responderam que seria a falta de educação (figura 5).

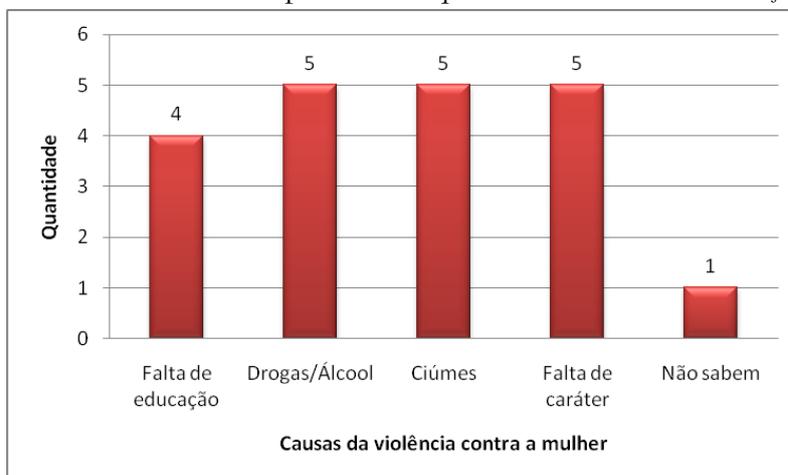


Figura 5: Principais causas da violência contra a mulher em Pau dos Ferros – RN.
 Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2009.

Outra pergunta realizada na entrevista foi qual seria o bairro mais violento de Pau dos Ferros. No Manoel Deodato, a maioria das entrevistadas responderam que seria o delas (8 entrevistadas), mas também citaram outros bairros além deste como: São Geraldo (6 entrevistadas), João XXIII (3), Riacho do Meio (2), Beira Rio (1); já as do bairro Princesinha do Oeste responderam em unanimidade que consideram o Manoel Deodato como o mais violento de Pau dos Ferros, apresentando como justificativas, em ambos os casos, a frequência com que são registrados e presenciados casos de violência naquele bairro, o qual apresenta diversas deficiências, na parte estrutural e de planejamento, as quais em muito contribuem para o elevado índice de violência registrado no mesmo e na cidade de Pau dos Ferros.

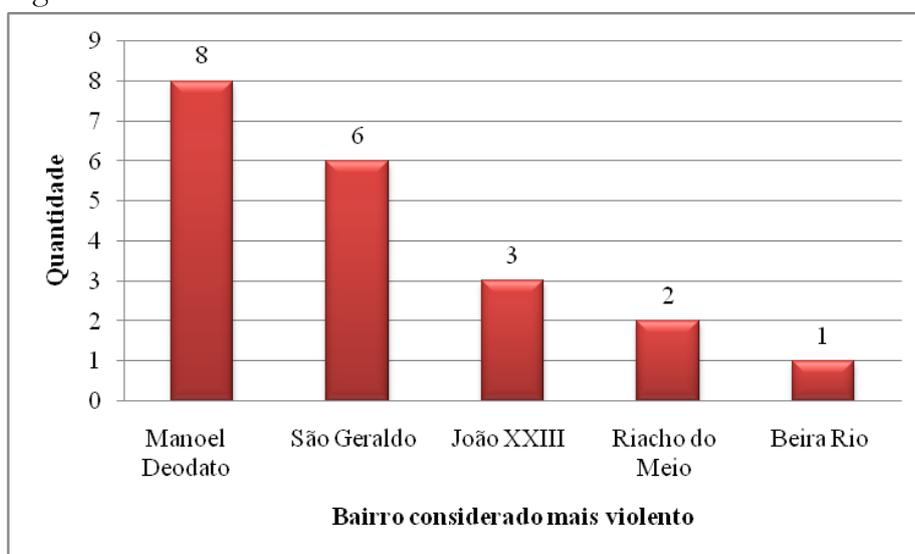


Figura 6: Bairro considerado mais violento de Pau dos Ferros – RN.

Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2009.

Ao final da pesquisa constatamos que entre os bairros analisados existem diferenças consideráveis nas percepções dos habitantes sobre a violência contra mulher, fato este que pode ser justificado pela diferença do perfil dos moradores e da estrutura física e organizacional que cada bairro apresenta, considerando que um (Princesinha do Oeste) se apresenta bem estruturado fisicamente e moradores que apresentam condições financeiras razoáveis (classe média), enquanto que o outro (Manoel Deodato) apresenta grandes deficiências em sua estrutura física, com ruas desorganizadas e carência de serviços públicos, além do fato de que a maioria de seus moradores apresentam menor poder aquisitivo (classe baixa), o que também justifica os elevados índices de violência verificados neste bairro em detrimento do outro.

Considerações finais

A violência contra a mulher nos bairros Manoel Deodato e Princesinha do Oeste é uma questão bastante complexa tendo em vista o envolvimento de diversos fatores que contribuem para a falta de denúncias por parte das mulheres e às condições

às quais estas se sujeitam para viverem com seus companheiros, assim como complementam Narvaz e Koller (2006, p. 9), ao afirmar que “a vergonha da violência sofrida também tem sido identificada como um dos fatores que dificulta a busca de suporte no sistema de apoio familiar e comunitário, o que dificulta o rompimento com a situação abusiva.” Muitas vezes estas mulheres não os denunciam por medo de sofrerem ainda mais durante os processos judiciais, e também por medo e vergonha dos seus companheiros e familiares, fato este que muitas vezes acaba trazendo mais sofrimento para estas mulheres, que optam por manter o silêncio.

Apesar do destaque e da igualdade de direitos que as mulheres vêm adquirindo cada vez mais na sociedade atual, é possível perceber que a mesma ainda continua sendo vítima de diversos casos de agressões e abusos, sejam eles físicos ou psicológicos. Isto porque a “violência contra a mulher representa hoje uma das principais causas de sofrimento físico e psicológico, constituindo um sério problema de saúde pública.” Brandão ([2007], p. 1). Mesmo com a criação de leis e movimentos feministas que podem levar o indivíduo a ser punido, ainda é preocupante o número de casos registrados no país, no estado e também na cidade de Pau dos Ferros – RN todos os anos.

Diante disso, constatamos a necessidade de instalação de uma delegacia especializada para mulheres na cidade de Pau dos Ferros, no intuito de atender e melhor resolver os casos de violência contra a mulher registrados na cidade e nas demais que integram a região do Alto Oeste Potiguar, garantindo a elas o cumprimento dos seus direitos previstos pela lei que as ampara e, além disso, se faz importante também a realização de palestras e programas, de forma que eles possam informar e esclarecer aos habitantes da cidade sobre as precauções e medidas a serem adotadas nos casos de violência (física ou psicológica) contra a mulher e, com isso, contribuir para a diminuição da incidência destes casos na cidade e no estado do Rio Grande do Norte.

Referências

- BLAY, Eva Alterman. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, São Paulo, vol. 17, n 49, p 87-98, Dezembro, 2003.
- BRANDÃO, Maria Flavia Furst G. G. **Violência contra a mulher**. Belo Horizonte – MG. [2006].p. 1-4. Disponível em: <http://www.sogimig.org.br/portal/upload/cientifico/violencia_contra_mulher.pdf> Acesso em: 03/05/2012.
- BRASIL. Lei nº 11. 340, 7 de Agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Presidência da República, 2006.
- CARLOS, Clístenes. **Em Pau dos Ferros e Região, aumenta o número de casos de violência contra a mulher**, 25 Jul. 2007. Disponível em: <<http://clistenescarlos.blogspot.com/2007/07/em-pau-dos-ferros-e-regio-aumenta->

o.html >. Acesso em: 28/09/2009.

CONDORELLI, Antônio. **Violência contra a mulher: Violência e opressão de gênero no Rio Grande do Norte**. Tecido Social, n. 14, 01 dez. 2003. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/tecidosocial/anteriores/ts014/viol_contra_mulher.htm>.

Acesso em: 17/09/2009.

COSTA, Ana Maria Morais (coord.). **Conversando sobre gênero**. Juventude Cidadã. [2000].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/RN2010.pdf>. Acesso em: Maio, 2012.

_____. **Curiosidades: Estados Mais Populosos**. 05/12/2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/7a12/voce_sabia/curiosidades/curiosidade.php?id_curiosidade=41>. Acesso em: 12/10/2009.

MELO, Delaine Cavalcanti Santana. **Imbricações: gênero, poder e violência contra a mulher**. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA E DO MEDO. Recife, PE. Anais... Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 26 nov. 2008. p. 190-199.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas**. PSICO. Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 1, jan./abr. 2006. p. 7-13.

PEREIRA, Iwelton Madson et al. **A lei Maria da Penha: Símbolo de mudanças em benefício das mulheres**. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA E DO MEDO. Recife, PE. Anais... Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 26 nov. 2008. p. 509-518.

QUEIROZ, Fernanda Marques. **Violência contra a mulher em Mossoró-RN: o difícil caminho de ruptura das relações violentas**. In: III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís, MA. Anais... São Luís, MA: Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 28 a 30 de agosto 2007. p.1-8.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero e patriarcado**. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (org.). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-59.